

## **Um autor entre autores: indícios da busca de precursores literários por João Antônio a partir da correspondência com Jácomo Mandatto**

**Telma Maciel da Silva**

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná

 <https://orcid.org/0000-0001-7054-0035>

E-mail: [telmaciel@gmail.com](mailto:telmaciel@gmail.com)

**Resumo:** Autor de livros que tratam da falta de perspectiva de vida na periferia de grandes cidades, o escritor brasileiro João Antônio deixou uma obra marcada pela denúncia social e pela memória enquanto vetor de resistência. Este trabalho busca refletir sobre as filiações literárias estabelecidas por João Antônio, entendidas como projeto político de um escritor que buscava, de algum modo, controlar a visão da posteridade sobre si. Tendo em vista que todas as seções do acervo do escritor dão pistas de uma construção memorialística, tanto pessoal quanto social, analisaremos parte de sua correspondência, buscando mostrar como a criação de precursores literários contribuiu para a afirmação de um modelo de autor, para quem a marginalidade é um valor essencial.

**Palavras-chave:** João Antônio; Memória; Leitura.

### **An author among authors: evidence of João Antônio's search for literary precursors based on correspondence with Jácomo Mandatto**

**Abstract:** Author of books that deal with the lack of life prospects in the outskirts of large cities, Brazilian writer João Antônio's work is marked by social denunciation and memory as a vector of resistance. This text seeks to reflect on the literary affiliations established by João Antônio, understood as a political project of a writer who sought, in some way, to control what view posterity would have of him. Considering that all sections of the writer's collection give us clues to both personal and social memorialistic construction, we will analyze part of his correspondence, seeking to show how the creation of literary precursors contributed to the affirmation of a model of author, for whom marginality is a core value.

**Keywords:** João Antônio; Memory; Reading.

**Texto recebido em: 12/03/2024**

**Texto aprovado em: 14/06/2024**

### **Composição da memória na elaboração de si**

O escritor João Antônio fez muito sucesso entre os anos sessenta e noventa do século passado, tendo ganhado vários prêmios nacionais (entre eles, três Jabutis) e sido traduzido para diversas línguas. Nesse período, o contista, que viveu metade da vida em São Paulo e a outra metade no Rio de Janeiro, com passagens rápidas por outras cidades do Brasil e do exterior, recolhe todo o material que lhe

chega às mãos cujo enfoque seja seu trabalho literário e jornalístico. A partir daí, se formava o Acervo João Antônio, que desde meados da década de noventa, com a morte do autor, está cedido à Unesp/Assis, no interior de São Paulo, para fins de pesquisa acadêmica.

Em 1975, em um de seus livros mais negativamente criticados, João Antônio publica um ensaio chamado “Corpo-a-corpo com a vida”, em que defende uma literatura que seja “a estratificação da vida de um povo” e participe “da melhoria e da modificação desse povo” (Antônio, 1976, p. 146). O ensaio flerta com a estética do *New journalism*, em voga nos Estados Unidos, em especial com a produção de autores como Norman Mailer e Truman Capote:

*Precisamos de uma literatura? Precisamos. Mas de uma arte literária, como de um teatro, de um cinema, de um jornalismo, que firmem, penetrem, compreendam, exponham, descarnem as nossas áreas de vida. Não será o futebol o nosso maior traço de cultura, o mais nacional e o mais internacional; tão importante quanto o couro brasileiro ou o café of Brazil? (...) A desconhecida vida de nossas favelas, local onde mais se canta e onde mais existe um espírito comunitário; a inédita vida industrial; os nossos subúrbios escondendo quase sempre setenta e cinco por cento de nossas populações urbanas; os nossos interiores – os nossos intestinos, enfim, onde estão em nossa literatura? Em seus lugares não estarão colocados os realismos fantásticos, as semiologias translúcidas, os hipermodelismos pansexuais, os supra-realismos hermenêuticos, lambuzados estruturalismos processuais? (Antônio, 1976, p. 145. Original em itálico).*

---

2

Desde os anos setenta, “Corpo-a-corpo com a vida” tem sido usado por parte da crítica como uma espécie de chave da obra do contista paulistano. As posições políticas de João Antônio, explicitadas nesse texto e em diversas entrevistas e palestras que deu ao longo da carreira, muitas vezes, acabaram por aparecer mais do que sua produção literária. O discurso, de certo modo, populista do escritor se configurou como uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que o aproximava do público (ou de parte dele) ávido por estabelecer relações mais diretas entre vida e obra, também dificultava uma leitura menos empenhada e mais poética de seus textos.

O Acervo João Antônio foi essencial para a ampliação de pesquisas aprofundadas sobre a produção literária e cultural do contista. O arquivo é composto por milhares de documentos, de natureza vária, em que se podem observar as diversas faces do trabalho, seja ele autoral ou de autopromoção, entre

outras coisas. Além disso, o acervo abriga toda a biblioteca do autor, com cerca de cinco mil livros, e sua correspondência passiva, além de parte da correspondência ativa.

O trabalho que proponho aqui diz respeito, mais diretamente, ao estudo de um montante de cartas, trocadas entre João Antônio e o amigo Jácomo Mandatto. Trata-se de uma coleção construída pelos correspondentes ao longo de quatro décadas, com início em 1962 e término em 1995. A partir dessas cartas, é possível traçar um panorama da carreira do escritor e dimensionar a construção de si como uma questão de suma importância para entender o modo como o contista erigiu o mito de autor empenhado.

Todas as seções do acervo do escritor dão pistas de uma construção memorialística, feita por alguém que buscava, de algum modo, controlar a visão da posteridade sobre si. Nesse sentido, há muitos elementos que aproximam a figura humana de João Antônio às de suas personagens. Um exemplo físico disso são as dezenas de blocos de papel, confeccionados com maços de cigarros vazios, usados para, entre outras coisas, fazer inventário de gírias e da linguagem captada nas ruas e que viriam a compor as obras, nas falas das personagens.

A escolha do maço de cigarros como suporte para a captação do linguajar popular, associada ao seu posterior arquivamento, já indica um tipo de performance por parte do contista. Mais uma vez, temos uma aproximação entre os universos de personagens e escritor, embaralhando noções de verdade e ficção.<sup>1</sup> Consciente da importância da literatura que produzia, João Antônio deixa recados para o seu futuro pesquisador. Ele não renuncia a se associar ao mundo dos pobres diabos, mas também deixa claro que o seu trabalho tem outras fontes.

Parte desse projeto de construção de si por meio do acervo está calcado na criação de precursores literários que contribuam para a afirmação de um modelo de autor, seja pelo caráter biográfico, seja pelo elemento estético caro a João Antônio. Nesse sentido, nota-se que é possível analisar duas fases, a primeira, do jovem que busca aproximação com escritores seus contemporâneos e a segunda, em que ele, mais velho, se debruça sobre a obra daqueles artistas com projetos literários com os quais encontra afinidades em relação à sua própria prática. Isso pode ser verificado, entre outros fatores, considerando a publicação de sua coletânea de estreia, um dos motivos centrais do início da correspondência do autor com Mandatto.

## Bastidores para um palco

Como se sabe, João Antônio publicou *Malagueta, Perus e Bacanaço*, seu livro de estreia, em 1963, aos 27 anos de idade. Depois disso, viveu um longo ostracismo, como ele próprio chamou, e só voltou a publicar em 1975, lançando seis livros até 1978. A história da edição conturbada de *Malagueta, Perus e Bacanaço* é bastante conhecida: a primeira edição estava pronta em 1960 e fora destruída por um incêndio que deixou a família do escritor apenas com a roupa do corpo. É verdade que parte significativa dos contos já havia sido publicada em jornais e revistas e foi facilmente recuperada, mas o conto título se perdeu e teve de ser reescrito com a ajuda de amigos, como a poetisa Ilka Laurito<sup>2</sup>, que havia recebido trechos do conto no corpo de algumas cartas. Ao longo da carreira, João Antônio sempre voltará a esse assunto, lembrando a força de seu livro de estreia e buscando associar o incêndio e a “reescrita” do livro ao caráter de resistência encontrado em suas personagens.

Em 1962, com *Malagueta, Perus e Bacanaço* novamente pronto para a publicação, João Antônio inicia, com Jácomo Mandatto, uma de suas mais longas correspondências. Mandatto era um jovem historiador, jornalista e ativista cultural, que presidia o Centro Itapireense de Cultura e Arte, responsável pela realização de concursos literários que vinham chamando a atenção de escritores de várias partes do Brasil para a pequena Itapira, cidade vizinha a Campinas, no interior de São Paulo.

A troca epistolar com Mandatto vai se intensificando com a publicação do livro de estreia de João Antônio e começa a rarear nos anos seguintes, até sofrer um hiato entre 1966 e 1975. Temos, portanto, uma primeira fase documental compreendida pelos primeiros anos da década de sessenta, e uma segunda fase que vai de 1975 até meados da década de noventa.

Ao se deter sobre essa correspondência, são encontrados subsídios que parecem demonstrar possíveis distinções entre as práticas de leitura da literatura canônica e contemporânea por parte do contista paulistano. Dentre outros aspectos, salienta-se a constatação de uma diferença significativa na abordagem de João Antônio no que diz respeito à comunidade de escritores. Na primeira fase da correspondência (de 1962 a 1966), por exemplo, o jovem autor fala muito mais de seu próprio trabalho literário do que de suas leituras. As referências a outros

autores, em geral, brasileiros e seus contemporâneos, são rápidas, sem o caráter analítico que veremos na segunda fase do diálogo.

O jovem João Antônio parece buscar uma comunidade de escritores para se inserir. Esse é o momento em que ele procura demonstrar importância aos autores de sua geração e, para tanto, utiliza-se de uma série de estratégias, entre as quais a criação de uma teia de relacionamentos, de ajuda mútua, que possa atuar na divulgação dos livros publicados pelo grupo.<sup>3</sup> No período em questão, Dalton Trevisan é o autor mais invocado em cartas a Mandatto, mostrado como um exemplo a ser seguido. Na esteira de Dalton, João Antônio chega a escrever um esboço de livro, cujo título seria “Recados de Drácula” ou “Drácula, draculorum, amém”, que é abandonado posteriormente.<sup>4</sup>

Não se pode afirmar que João Antônio não lia outros escritores, que não os de sua geração, mas o fato de as referências a estes últimos serem abundantes demonstra que há uma preocupação de sua parte com a inserção no mercado e com a criação de uma comunidade com seus contemporâneos. É nesta época, aliás, que ele trava correspondência com muitos desses autores. Um caso emblemático é o da poetisa Ilka Laurito, a quem escreve em 1959, quando tinha apenas 22 anos:

Também acontece que sou moço e faço alguma literatura. Se é literatura mesmo, não sei. O fato é que tenho logrado ganhar alguns prêmios e *tenho escrito uns troços que alguns escritores de meu convívio, dizem prestar*. Outra coisa na qual não faço muita fé: tenho topado bons sujeitos neste São Paulo que têm me dado a mão e às vezes se exageram na medida dos meus valores (Laurito, 1999, p. 25. Grifos nossos).

A pretexto de comentar uma crônica da escritora, João Antônio passa a lhe escrever e mandar os seus trabalhos, com pedidos de apreciação crítica.<sup>5</sup> Assim, a teia de relacionamento vai sendo formada. Note-se que o trecho em destaque aponta para essa ideia de rede: ao falar de sua produção, ele faz questão de deixar claro que a qualidade de seus textos é atestada por outros escritores.

A primeira carta a Mandatto também traz a mesma estratégia de legitimação por meio de outrem. Aparentemente, ela seria um agradecimento pela menção honrosa conquistada por “Meninão do caixote” no concurso literário promovido pelo Centro Itapireense de Cultura e Arte, mas serve também como um cartão de visitas, em que João Antônio demonstra a sua importância no meio literário, apesar de ser ainda inédito em livro.

Com o maior prazer comparecerei a Itapira para a solenidade de entrega do Prêmio e para conhecer de perto os membros formadores do Centro Itapirense, dos quais tenho as melhores referências cá em S. Paulo. Muito elogiosamente deles me falaram meus bons amigos Leonardo Arroyo e, especialmente, *Mário da Silva Brito* – que não me acompanhará em viagem unicamente pelo seu instável estado físico. (...) *Irei a Itapira. Só, ou com algum escritor de minha intimidade* (Primeira carta de João Antônio a Jácomo Mandatto, 15 de outubro de 1962. Grifos nossos).

A referência a Mário da Silva Brito, nome forte da Civilização Brasileira à época, uma das editoras mais importantes do país, não é casual. Assim como não o é a informação de que deve ir à cerimônia de premiação, acompanhado de “algum escritor de [sua] intimidade”. Há o claro intento de mostrar importância diante dos pares, visto que até aquele momento o contista havia publicado apenas em algumas antologias e não tinha ainda a aprovação do público.

Conforme se vê, João Antônio estabelece uma relação bastante pragmática com a correspondência nesse início de carreira, o que fica ainda mais patente quando se observa que há também um hiato na troca epistolar com Ilka Laurito, entre meados dos anos sessenta e setenta, quando, após o sucesso de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, o contista não consegue emplacar mais nenhuma publicação importante em livro, tendo se dedicado quase que exclusivamente ao trabalho jornalístico. Sem publicação em livro, a correspondência com escritores e potenciais divulgadores não parece fazer sentido.

Outro dado curioso sobre o relacionamento estabelecido entre o contista paulistano e seus pares é o modo como Dalton Trevisan quase que desaparece na segunda fase da correspondência com Mandatto, retomada em 1975. Bastante citado nos primeiros cinco anos da troca epistolar com Mandatto, são encontradas apenas duas referências ao autor curitibano no decorrer das décadas seguintes, sendo esta a seguir a mais longa: “Dalton Trevisan é um senhor escritor e, coincidentemente, eu havia separado o seu ‘Tudo Bem, Querido’ publicado pelo ‘Cultura’. Dalton é fino lavor” (Carta de 23 de maio de 1991).

Uma hipótese para esse desaparecimento é a diferença no modo prático de lidar com a carreira. A verborragia pública de João Antônio enfrenta forte resistência de Dalton, cujo silêncio sistemático tem sido o elemento biográfico mais marcante. O Acervo registra essa diferença ainda nos anos sessenta, quando em resposta a um questionário enviado por João Antônio, o autor de *O vampiro de*

Curitiba responde da seguinte maneira: “Sustento, para me desculpar, que nada tenho a dizer fora dos meus livros – só a obra tem interesse, o escritor deve recolher-se ao silêncio”. Há, portanto, uma diferença significativa entre os dois no modo de enxergar a carreira, enquanto Dalton acredita que o escritor deve deixar a obra aparecer, sem interferência de sua parte, João Antônio pensa que a participação do escritor enquanto marqueteiro é essencial para que os livros cheguem ao grande público.

No início da carreira, o contista paulistano chega a dizer a Mandatto que pensa em seguir o exemplo do escritor de *O vampiro de Curitiba*: “Tentarei, em último caso, juntar uns cobres (de onde arrancar não sei) e me enfiar com uma edição de cordel”. Esta ideia, encontrada em carta de 05 de março de 1963, não dura muito tempo. Exatamente um ano depois, João Antônio afirma ter escrito ao escritor curitibano aconselhando-o a publicar por uma editora grande: “Esse negócio de literatura de cordel publicada pela tal Oficina Gráfica da Papelaria Requião é alta e profunda frescura provinciana. O negócio é publicar pela única editora digna do país: a Civilização Brasileira. E ele pode. Então, esculhambação nele” (Carta de 3 de março de 1964).

As tentativas de João Antônio de integrar Dalton Trevisan na teia de escritores e jornalistas vai se arrefecendo, ao ponto de as referências ao colega quase desaparecerem no segundo momento da troca epistolar com Mandatto. Cada um a seu modo, eles acabaram construindo personagens em torno de seus nomes e levaram à frente suas carreiras, mas os documentos do Acervo João Antônio parecem demonstrar que os dois não mantiveram o contato frequente dos anos sessenta.

### **Bastidores de um palco**

Após transposto o hiato sem publicar livro, com o retorno ao mercado editorial – em “estilo grosso, transado e enlouquecido”,<sup>6</sup> conforme afirmação do próprio autor em sua primeira carta a Jácomo Mandatto do ano de 1975 –, João Antônio volta a escrever cartas de maneira sistemática ao amigo itapireense.<sup>7</sup> Mais maduro, agora com quase quarenta anos de idade e conhecido no meio editorial, notamos algumas mudanças de perspectiva na correspondência. Ela ainda é parte

daquele projeto amplo de ajuda mútua, a que aludi acima, mas outros elementos aparecem com força. A reflexão sobre a leitura de autores clássicos é uma delas.

É a partir desse momento que as relações entre sua produção e de determinados escritores vai sendo tecida. Um caso exemplar é o de Lima Barreto, a quem o contista paulistano dedica todos os seus livros, menos a primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Lima aparece nas dedicatórias no mesmo momento em que começa a aparecer nas cartas, ou seja, na segunda fase da carreira de João Antônio, que em 1970 se interna no Sanatório da Muda – o mesmo onde o autor de *Clara dos Anjos* fora internado décadas antes – sob o pretexto de crise nervosa e estafa, saindo de lá com o projeto de dois livros *Casa de loucos* (1976) e *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977). Além disso, vale destacar que no já aludido texto “Corpo-a-corpo com a vida”, o autor carioca aparece entre os autores que, segundo João Antônio, “lá atrás”, já haviam firmado “um compromisso sério com o fato social” (Antônio, 1976, p. 144).

A publicação de *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* é um marco na produção de João Antônio. O livro é parte de um projeto de vinculação entre sua obra e a do escritor de *Clara dos Anjos*, iniciado ainda em 1975, com a edição de *Leão-de-chácara* e a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que marcam o início de uma constante na obra do escritor: todos os seus livros são dedicados a Lima Barreto.

Nessa perspectiva, de 1975 em diante, as referências a Lima Barreto são abundantes na correspondência com Mandatto, tanto no corpo das cartas quanto nos recortes de jornal, com matérias e textos analíticos publicados em diversos órgãos de imprensa. Pedro Mendes da Silva (2005), em ensaio publicado na página do Acervo João Antônio, afirma o seguinte:

Parece que assim João Antônio, no dizer popular, tinha encontrado sua turma e, com ela, aquele com quem iria construir durante toda a sua trajetória literária e jornalística, uma relação de identidade profunda e verdadeira: Lima Barreto, enxergando nele e em sua vida e obra as raízes de sua postura combativa e abertamente brasileira (Silva, s.d., p. 9).

Lima Barreto se tornaria, desse modo, o mais alardeado precursor de João Antônio, agora escritor com algum prestígio, em especial no jornalismo e na publicidade, áreas às quais se dedicou com bastante afinco durante a década em que esteve afastado do mercado editorial. A teia de relacionamento entre pares

coetâneos continua a crescer, mas o contista começa a construir uma nova rede, uma comunidade abstrata, sincrônica, que o aproxima do passado, ao mesmo tempo em que visa o futuro.

A fim de refletir mais especificamente sobre essa construção de relações práticas e de orientações literárias, enfocar-se-ão agora algumas considerações presentes no ensaio “Kafka e seus personagens” (1952), de Jorge Luís Borges, buscando entender possíveis elementos que compõem a tessitura urdida concomitantemente por João Antônio nos bastidores da correspondência e, pode-se dizer, no palco do seu reconhecimento social enquanto escritor.

No referido texto, Jorge Luís Borges afirma que “cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro” (Borges, 2007, p. 130). O autor argentino ao analisar a obra do escritor de *A metamorfose*, nota que ela mantém pontos de contato com a produção de uma série de autores, separados entre si – e do próprio Kafka – por centenas de anos. Trata-se de autores que, em geral, não se parecem em nada, a não ser pelo fato de que todos eles apresentam algo de kafkiano.

A análise de Borges não se baseia, portanto, na ideia de influência direta, para quem o artista é devedor daqueles que os antecederam, na medida em que as obras do passado são vistas como autoridades detentoras de certo poder incontestável. Contrapondo-se a essa visão, Borges demonstra que o passado não é estático, como em dado momento se fez acreditar; ao contrário, ele é dinâmico. É por isso que nossa leitura de obras já canônicas está sempre sendo “desviada”, para usar uma palavra do próprio ensaísta, por obras do presente.

Assim, a perspectiva borgeana dá ênfase às relações estabelecidas por leitores. Não se trata, portanto, de buscar indícios de leituras feitas por Kafka, que viessem a justificar presenças e ausências de determinados temas em sua obra. Desse ponto de vista, a lista dos precursores de Kafka, assim como o de qualquer outro artista, nunca estará completa. Sobre ela, ninguém jamais terá domínio absoluto, muito menos o autor da obra.

A abordagem que apresento aqui é, portanto, mais restrita do que a de Borges. Seguindo as pistas que nos são dadas pelo Acervo João Antônio, analiso as estratégias do contista para se inserir em duas grandes comunidades: a primeira delas, formada por seus contemporâneos, com quem dialoga diretamente e busca soluções tanto para os problemas práticos do mercado editorial, quanto para as

questões de cunho formal; a segunda, composta por escritores já avalizados pelo cânone, cuja identificação de estilo e, em alguns casos de biografia, possa legitimar o trabalho do autor para as gerações futuras.

Diante desse percurso, atesta-se que a biblioteca pessoal do escritor é um dos caminhos para desvendar algumas dessas pistas. A pesquisadora Clara Ávila Ornellas fez um mapeamento dos livros constantes no acervo e apontou alguns caminhos de análise. Em artigo intitulado “Circulando pelas marginálias: presença da literatura russa na biblioteca do acervo João Antônio” (2009), Ornellas afirma:

Dentre as 57 obras de escritores russos, 37 contêm marcas de leitura – manuscritos, autógrafos, listas de palavras, textos de jornais ou marginálias apensas – e 20 não possuem nenhum tipo de registro efetuado pelo leitor. No universo dos livros que possuem marginálias, os autores mais representados quantitativamente são Dostoiévski, com 16 títulos, Tchekhov e Górkki com oito, respectivamente (Ornelas, 2009, p. 141).

A pesquisadora aponta uma hipótese para essa presença marcante dos russos na biblioteca de João Antônio. Segundo diz, há entre o autor brasileiro e os russos, em especial aqueles destacados por marcas de leitura, certa afinidade no que concerne às contradições sociais e à denúncia “das condições adversas enfrentadas pelo povo desfavorecido econômica e socialmente” (Ornellas, 2009, p. 142). Além desse aspecto temático, há ainda questões relacionadas à forma, na medida em que o contista, em muitos casos, destacava e/ou fazia listas de palavras nas anotações marginais, indicando uma preocupação estética.

Do mesmo modo que a biblioteca, as cartas de João Antônio também nos oferecem alguns elementos importantes acerca das práticas de leitura do escritor. Em fevereiro de 1979, ele escreve ao amigo Jácomo Mandatto e anuncia:

Decidi. Este ano só leio os russos. Ninguém mais. A partir de 1/1/1979 só ando às voltas com os russos, a barra mais pesada que a literatura universal já teve até hoje. E estou vivendo uma das mais tremendas aventuras do espírito que já experimentei. Estou interessado em ler tudo dos russos e até alguns soviéticos. Com eles, Jácomo, eu não aprendo só a escrever. Eles estão me ensinando a olhar a vida. Além de iluminados, geniais e terríveis, eles são aos montes. Você encontra algumas dezenas de escritores extraordinários. Foi a melhor decisão que tomei este ano (Carta de 4 de fevereiro de 1979).

A partir dessa carta e de outras do mesmo ano, depreende-se que a leitura desses autores destacados por Ornellas se deu em 1979 ou nas proximidades. É claro que não se pode precisar o momento exato em que eles foram de fato lidos, mas há um indício forte de que João Antônio se aprofundou nesses autores com afinco por esta época. Essa hipótese fica ainda mais forte quando se olha para a correspondência com Mandatto. A primeira referência feita aos russos aparece apenas em carta anterior à que foi citada acima: “Leva o abraço de quem pretende passar todo o ano de 79 só lendo autores russos” (Carta de 28 de janeiro de 1979).

A partir daí, os autores russos serão citados com alguma frequência. Em 30 de julho de 1981, ao falar sobre a morte de Babi, sua cadela de estimação, João Antônio escreve: “Desculpe se penso na morte. Além de Babi, estou trelendo *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, eterno. Estou descobrindo relações incríveis entre o escritor russo e minha primeira formação literária”. Nesse trecho surge claramente a ideia de construção de precursores. Ao ler Tolstoi, ele faz um caminho rumo à sua “primeira formação literária” e descobre afinidades.

### **Uma abertura para futuros atos...**

Apesar de se tratar de um percurso inicial na temática de possíveis precursores literários de João Antônio, acredita-se ter sido possível compreender como a correspondência João Antônio e Jácomo Mandatto, assim como muitas outras seções do Acervo João Antônio, deixa claro que parte do projeto de construção de si está calcado na criação de precursores literários que contribuam para a afirmação de um modelo de autor, biográfico e/ou estético, caro a João Antônio. Nesse sentido, vemos que é possível analisar duas fases, a primeira, do jovem que busca aproximação com escritores seus contemporâneos e a segunda, em que ele, mais velho, se debruça sobre a obra daqueles artistas com projetos literários com os quais encontra afinidades em relação à sua própria prática. E, ainda que preliminarmente, aqui se demonstrou semelhante construção, por exemplo, nas referências a Dalton Trevisan, a Lima Barreto e a Tolstói.

Foram mostrados aqui apenas alguns poucos exemplos, entre tantos outros, de cada período. A partir das cartas, foi possível refletir sobre a diferença, no que diz respeito ao grau de canonização, entre os escritores citados. E é inegável que a segunda fase, marcada também pela militância, apresenta uma postura mais

analítica do escritor em relação à tradição literária e suas possíveis filiações. E é justamente esse intricado movimento, ilustrado por uma espécie de dinâmica ininterrupta entre bastidores e palco, que será mais detalhadamente focalizado em pesquisas futuras.

## NOTAS

1. Ana Maria Domingues de Oliveira discute de maneira aprofunda a questão no artigo “João Antônio, profissão escritor”, publicado em 2006.
2. A própria Ilka Laurito (1999) relata esse episódio no artigo “João Antônio: o inédito”, publicado na revista *Remate de Males*.
3. Esse assunto foi discutido demoradamente no livro “Posta-restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio”, livro derivado da minha Tese de doutoramento, defendida em 2009.
4. Uma cópia dos originais datilografados compõe a Coleção Jácomo Mandatto, no Arquivo João Antônio.
5. Os trechos dos contos enviados a Ilka, como dito anteriormente, serão essenciais para a reescrita do livro, após o incêndio de 1960. Caio Porfírio Carneiro (2004, p. 80-81), em texto que compõe o volume *Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas* reproduz o diálogo que teria tido com João Antônio logo após o ocorrido: “- Caio, perdi tudo. A minha casa pegou fogo e perdi o único original de Malagueta. Não tenho cópia. /- Os rascunhos estão ali. Quase jogou fora. A Ilka deve ter alguma coisa. / Ele espalhou tudo aquilo no sofá. / - Puxa vida. Graças a Deus”.
6. Em carta de 22 de julho de 1975, João Antônio volta a escrever ao amigo: “Conforme você está vendo, volto em estilo grosso, transado e enlouquecido. Companheiro, apesar deste meu silêncio de anos e anos, peço-lhe uma divulgação aí pelos jornais que você escreve. Se quiser, mande-me um longo questionário que responderei com todo gosto”.
7. Mais ou menos nesse período, o autor volta a escrever também a Ilka Laurito.

## REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ANTÔNIO, João. *Carta aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. Organização de C. Giordano. São Paulo: Ateliê Editorial; Oficina do Livro Rubens Borba da Moraes, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: *Outras inquisições*. Tradução de Davi Arrigucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CORRESPONDÊNCIA João Antônio & Jácomo Mandatto. Fundo João Antônio, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP/ Unesp- Assis), Série Correspondência João Antônio. Caixa 22 (Exemplares da Correspondência Ativa).

LAURITO, Ilka Brunhilde. João Antônio: o inédito. *Remate de Males*, Campinas, n. 19, p. 25-53, 1999.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. João Antônio, profissão escritor. In: PETERLE, Patrícia et al. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis: UNESP, 2006.

ORNELLAS, Clara. Circulando pelas marginálias: presença da literatura russa na biblioteca do Acervo João Antônio. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 139-162, 2009. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/143>.

SILVA, Telma Maciel da. *Posta-restante: um estudo sobre a correspondência do escritor João Antônio*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SILVA, Pedro Mendes. João Antônio e Lima Barreto (Relatório de Iniciação Científica). s.d. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/CEDAP/pedromendes.pdf>.

**Telma Maciel da Silva** é Professora de Teoria Literária e Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-Doutora pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Doutora e Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Assis.

**Como citar:**

SILVA, Telma Maciel da. Um autor entre autores: indícios da busca de precursores literários por João Antônio a partir da correspondência com Jácomo Mandatto. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 20, n. 1, jan./jun. 2024. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).